



O Camponês

ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL

IMPORTANTES REIVINDICAÇÕES SÃO CONQUISTADAS PELA UNIDADE E FIRMEZA DOS CEIFEIROS

Das primeiras informações que nos chegam da ceifa pode-se concluir o que tantas e tantas vezes temos afirmado: COM A UNIDADE, A ORGANIZAÇÃO E A ACÇÃO PODEM-SE CONQUISTAR AS NOSSAS ASPIRAÇÕES E FAZER RECUAR OS QUE EXPLORAM O NOSSO TRABALHO.

NO ALENTEJO LITORAL CONQUISTAM-SE OS 50\$00 E AS 8 HORAS

No Alentejo Litoral a conquista das 8 horas de trabalho tornou-se um objectivo que anima todo o operariado agrícola.

Em ALVALADE, no dia 8 de Maio, os ceifeiros e ceifeiras concentraram-se na Praça de Jornas e exigiram as 8 horas de trabalho. Dois agrários aceitaram esse horário e pagaram 40\$00. Os outros, entre os quais o presidente da Câmara, José Alves, foram chamar a PIDE dizendo que o povo estava em greve. Apesar de terem prendido um jovem, que saltaram logo a seguir, nem a PIDE nem a GNR puderam impedir que os trabalhadores afirmassem firmemente o seu desejo de trabalhar mas só as 8 horas. E assim conquistaram esse horário e as jornas de 40,45 e 50\$00 (homens) e 20 e 25\$00 (mulheres).

Em ERMIDAS também os trabalhadores exigiram as 8 horas e conquistaram-nas com as jornas de 40,45 e 50\$00.

Em S. Domingos (Abela) os operários agrícolas estiveram 6 dias sem trabalhar para conseguirem

"O Camponês" tem 14 anos

Foi em Maio de 1947 que se tornou uma exigência a criação dum porta-voz que ajudasse a esclarecer, a organizar e a actuar os camponeses do Sul do país.

Desde então, há catorze anos, vencendo as graves dificuldades que são impostas pela apertada clandestinidade em que é feito e distribuído, «O Camponês» leva aos camponeses do Sul do País uma palavra constante de ânimo e de experiência.

Apesar das suas deficiências o nosso jornal tem tido um importante papel organizador e tem influenciado directamente muitas acções dos camponeses.

Porque só os seus amigos e leitores permitem que «O Camponês» cumpra o destino para que foi criado, para eles vai, ao entrarmos no 15º ano de publicação do nosso jornal, nossas melhores saudações.

Também só os nossos amigos e leitores poderão ajudar-nos cada vez mais numa mais ampla distribuição, numa melhor informação e numa constante ajuda crítica e financeira a «O Camponês».

Estamos certos que o 15º ano do nosso jornal será um ano de lutas intensas dos camponeses do Sul do País.

obter as 8 horas e 40\$00 de jorna. Os agrários mantinham-se no horário de sol a sol e 30\$00. Também aqui os trabalhadores saíram vitoriosos chegando a ganhar 45\$00.

Em MELIDES a luta processou-se de forma idêntica e mais uma vez houve agrários que foram chamar a PIDE. Nada pôde impedir

a conquista das 8 horas e das jornas de 40, 45 e 50\$00. A própria GNR avisa agora os agrários de que devem dar o horário das 8 horas e que não podem pagar menos de 25\$00, que têm de pagar de 25 a 50\$00, aviso feito em virtude da firmeza e unidade que os trabalha-

(continua na 2ª pág.)

JOVENS OPERÁRIOS AGRÍCOLAS! JOVENS AGRICULTORES!

Milhares de jovens soldados continuam a ser mandados à força para as colónias. Naturalmente que não são os filhos dos fascistas que vão; esses baixam ao hospital ou os pais conseguem que não sejam chamados. Quem vai são os filhos dos trabalhadores portugueses.

Fazer o quê? Cometer barbaridades em Angola onde já foram mortos DEZENAS DE MILHARES de angolanos para que os exploradores dos trabalhadores portugueses possam continuar a escravizar o povo de Angola.

Muitos de vós sabeis que isto é assim. E por isso têm havido, quer em Évora, quer em Beja, quer em Setúbal (onde restam apenas alguns soldados), protestos que tomam a forma de levantamento de rancho, de destruição de janelas, de manifestação nas ruas e que têm obrigado, em alguns casos, ao adiamento da partida. Por outro lado são já muitos os soldados que se recusam a seguir mesmo tendo que passar a uma vida clandestina.

Mas haverá ainda quem julgue que é justo ir para Angola ser carasco dum povo. Haverá ainda quem acredite nas palavras enganadoras dos governantes, que chamam «Pátria» aos seus interesses pessoais.

É necessário esclarecer todos os jovens que não devem ir matar e morrer para as colónias.

É necessário que os jovens camponeses se unam e discutam o que devem fazer para impedir a continuação da guerra colonial.

É necessário que protestemos por todo o lado contra essa guerra que levanta justamente contra Portugal toda a humanidade sã.

É necessário que os jovens soldados se recusem terminantemente a seguir para as colónias, organizando nos quartéis protestos que consigam não só o adiamento mas que obriguem a desistir do seu envio.

JOVENS CAMPONESES!

Mobilizai à vossa volta todo o povo das vossas terras, certos de que se todo o povo se levantar contra a bárbara guerra de Angola, não há nenhum poder capaz de obrigar os portugueses a manchar as suas mãos com o sangue dum povo que se bate pela liberdade.

Assim conquistaremos também para o nosso país o PÃO, a LIBERDADE e a PAZ!

PARA RESOLVER OS PROBLEMAS DA AGRICULTURA PORTUGUESA É NECESSÁRIO DERRUBAR O REGIME SALAZARISTA!

No mês de maio realizaram-se duas importantes reuniões de agricultores alentejanos, uma em Évora, com mais de 500, e outra em Beja, com cerca de 600.

Estas reuniões foram dirigidas por grandes proprietários de todo o Alentejo (D. José de Sousa Carvalho (Ervideira), D. Luís Margarido, D. José Estanislau Baraona Fragoso, Dr. Francisco Posser de Andrade, eng. Caldas de Almeida, presidente da Corporação da Lavoura, Dr. Rui de Andrade, etc.) que não podiam deixar de aplaudir e dar o seu «incondicional apoio» ao governo de Salazar. Mas estavam presentes muitos pequenos e médios agricultores, que sentem na sua própria vida a ruína da lavoura, e essa massa de agricultores,

que só poderá subsistir se lutar unida pelas suas justas reivindicações, impôs às reuniões um profundo espírito de protesto e revolta contra a política salazarista.

Pode-se estar de acordo com um governo ao qual se pedem, após 35 anos de poder ditatorial, «urgentes medidas que obstem a ruína total da lavoura» (telegrama aprovado em Évora)?

Pode-se dar incondicional apoio a um governo que tanta propaganda tem feito da sua política do trigo e dizer-se ao mesmo tempo que é «uma das causas principais da crise da lavoura o desregramento com que foi feita a campanha do trigo que causou, desde 1929, irreparáveis estragos no solo agrícola» (afirmado em Beja)?

Isto mostra bem que os grandes proprietários fascistas se apressam a dirigir tais reuniões para ainda conter a justa revolta da massa dos agricultores. Mas estes, que souberam fazer dessas reuniões importantes assembleias anti-salazaristas, verificarão que o governo continuará a não ouvir os seus protestos, a adiar as medidas mais urgentes e compreenderão que não é o governo de Salazar, causador da ruína da pequena e média lavoura, que pode ou quer agora impedir essa ruína.

Não é quando Salazar lança o país para uma guerra injusta e condenada à derrota, gastando nessa loucura grandes somas, que será possível aumentar e tornar mais

(continua na 2ª pág.)

FORTALEÇAMOS A UNIDADE

CONTRA A REPRESSÃO E O REGIME SALAZARISTA!

Numa altura em que o salazarismo se vê atacado por todos os lados, com a luta constante do nosso povo, com a heroica luta do povo angolano, com a condenação da sua política pela generalidade dos países do mundo, só o recurso à repressão e ao terror permite a sua continuação.

Em Angola a repressão toma aspectos de verdadeiro genocídio (destruição de povos inteiros) como já foi afirmado na ONU e as barbaridades cometidas são dignas dum Eichman, que está a ser julgado em Israel por crimes que horrorizam toda a humanidade.

Em Portugal o salazarismo continua prendendo e torturando cidadãos e cria nas prisões políticas uma situação que causa graves apreensões.

Recentemente a PIDE assaltou a tiro casas de trabalhadores de Montemor-o-Novo e sabemos ter havido muitas prisões em outras terras do país (Marinha Grande, Peniche, etc.). Foram também presos em Lisboa os advogados democratas Dr. Acácio Gouveia, Dr. Gustavo Seromenho e Dr. Mário Soares, e no Porto o arq. Artur Andrade e o médico Dr. Veiga Pires.

Nas prisões políticas continuam as torturas a todos os presos, que atingem agora também as mulheres. Todas as cidadãs ultimamente presas foram torturadas com a tortura do «sono», a «estatua», insultos e espancamentos.

No julgamento do operário agrícola António Gervásio, quando este, no final, disse: Sr. Dr. Juiz, sou condenado a 3 anos e meio por defender os interesses dos trabalhadores, mas não se esqueça que o salazarismo caminha para o fim, está com os pés para a cova», três agentes da PIDE algemaram-no e espancaram-no brutalmente ficando os corredores, escadas e calabouço do tribunal ensanguentados.

Os presos políticos que se encontram em Caxias estão sofrendo constantes perseguições e castigos e alguns que têm a saúde arruinada não têm qualquer possibilidade de se tratar. Também nas prisões de Peniche, da PIDE do Porto e no Aljube de Lisboa, centenas de cidadãos portugueses são mantidos num ambiente de provocações e arbitrariedades.

A luta contra a repressão salazarista torna-se cada vez mais importante. Tal luta pode mobilizar gente de muito diferente ideal político ou crença religiosa. É uma luta generosa contra a injustiça e a desumanidade.

Divulguemos em todo o lado os crimes que Salazar está cometendo! Protestemos colectivamente contra tais crimes! Recolhamos milhares de assinaturas para uma AMPLA AMNISTIA POLÍTICA!

LEMBRANDO OS NOSSOS MÁRTIRES

Passa em Junho mais um aniversário do assassinato de alguns dos nossos queridos companheiros de luta!

—GERMANO VIDIGAL, operário da construção civil de Montemor-o-Novo, torturado e assassinado em 9 de Junho de 1945 pela PIDE.

—JOSÉ ANTÓNIO PATULEIA, operário agrícola de S. Romão, Vila Viçosa, torturado e assassinado em 20 de Junho de 1947 pela PIDE.

—ALFREDO LIMA, operário agrícola de Alpiarça, morto a tiro pelo soldado da GNR António de Sousa, a mando do sargento Francisco Pirez, no dia 4 de Junho de 1950.

—JOSÉ ADELINO DOS SANTOS, operário de Montemor-o-Novo, morto a tiro pelo sargento da GNR Francisco Ronge, em 25 de Junho de 1958.

Nunca os esqueceremos!

UMA TRAIÇÃO

No nosso jornal temos publicado vários artigos em que se salientam a dignidade e a firmeza de operários agrícolas, de camponeses, de muitos portugueses que, em virtude da acção que conduzem pela melhoria da vida do nosso povo, são presos e sofrem torturas infligidas pela PIDE.

Com esses exemplos temos provado que nada pode justificar que, mesmo ante os maiores tormentos, alguém traia os seus companheiros de luta e de trabalho.

Quem, ao ser preso e maltratado pela PIDE, denuncia o que conhece da luta clandestina do nosso povo; quem, ao ser preso e maltratado pela PIDE, volta os seus esforços e a sua vontade não contra esse bando de assassinos, mas contra os trabalhadores, quem comete tão infame traição, serve a PIDE, passa a ser um inimigo de todos os que anseiam pela Liberdade, a Paz e a melhoria da vida do povo.

José Miguel, operário agrícola natural de Aldeia Nova de São Bento mas tendo vivido desde muito novo em Vale de Vargo, foi preso em fins de Fevereiro pela PIDE. Passados dois meses foi posto em liberdade. Quando foi preso era considerado um homem digno. Em virtude disso nunca lhe faltou a ajuda dos trabalhadores, ajuda que estava sempre pronta para lhe permitir defender-se da perseguição da PIDE.

Ao sair da prisão, José Miguel tornou-se o mais abjecto servidor da PIDE, bando de assassinos torturadores do nosso povo. Como laiaço da PIDE denunciou-lhe muitos trabalhadores que nele confiavam e outras preciosas indicações sobre a luta clandestina dos trabalhadores, e saiu em liberdade para ajudar a PIDE a localizar, a prender e a torturar os que lutam pela causa popular. Os prejuízos causados por José Miguel, particularmente no Alentejo, são enormes.

Da parte dos seus conterrâneos e de todos que o conhecem, José Miguel tem sentido o desprezo e ódio pela sua vil traição. Esses são os sentimentos que animam os trabalhadores contra os que miseravelmente traem a sua causa.

José Miguel, José Candeias (de Baleizão) e os irmãos Bento e Veríssima Sezifredo (de Vale de Vargo) — eis os nomes de quatro miseráveis traidores que tendo sido operários agrícolas no Alentejo hoje trabalham para a PIDE. Para eles deve ir o ódio sagrado dos trabalhadores.

CARTAS DE LEITORES



do à custa de quem trabalha.

Agora foram-se 3 casais embora que o mais novo havia 13 anos que estava na casa — pois o tubarão queria obrigar as mulheres dos criados a irem trabalhar a sua casa, mas devido aos cínicos sentimentos e falta de respeito à moral foram-se antes embora, para se livrarem de famas.

Em tempo da dita «mãe dos pobres», todos os criados tinham fatura de criação, hoje só podem ter criação mas dando-lhe metade. São estas conveniências que o agrário faz a quem trabalha para ele, Um camponês

FALA UM CAMPONÊS DO BAIXO ALENTEJO

É bem triste e amarga a vida que vivem os trabalhadores camponeses destas localidades: Alvalade, Monte Velhos, Canhestros, Aldeia dos Ruins, Azinheira dos Bairros, Ermidas, Lousal, etc... No rigor do inverno estes homens e

Os Trabalhadores de Alpiarça Conquistam Trabalho

Representando cerca de 100 trabalhadores desempregados que se concentraram junto da Câmara, uma Comissão avisou-se com o Presidente. Este falou-lhes em ir trabalhar no Tejo por conta do Hidráulica. Os trabalhadores disseram que aceitavam se a jorna fosse a dos trabalhadores do campo. Como não lhes prometeram isso recusaram esse trabalho. Mas perante a sua insistência conseguiram ser distribuídos por vários lavradores nas condições que reclamavam.

Lutas e Vitórias nos trabalhos do arroz

As mulheres de ERMIDAS decidiram lutar pelas 8 horas e 20\$00 nos trabalhos do arroz. Apesar de algumas terem ido trabalhar de sol a sol com 15\$00 para o agrário Roxo, a grande maioria recusou-se a trabalhar de sol a sol. Assim conquistaram as 8 horas embora com a jorna de 15\$00. Um agrário, João Carregueira, queria obrigá-las a trabalhar mais e para isso pôs um capataz no meio a plantar arroz. Mas as operárias agrícolas, bem unidas, souberam começar a fazer cereja e a deixar mais espaço para o capataz plantar de modo que este teve de desistir.

Em SANTIAGO DO CACÉM também foram conquistadas as 8 horas nos trabalhos do arroz embora o agrário Beja da Costa quisesse ludibriar os trabalhadores dizendo ao pessoal contratado em Sines que tinha trabalhadores de Santiago a trabalhar de sol a sol, o que era mentira. Os de Sines exigiram e conquistaram a jorna de 22\$00.

Em V. N. DE MILFONTES e CAMPILHAS as mulheres conquistaram 20 e 22\$00

IMPORTANTES REIVINDICAÇÕES SÃO CONQUISTADAS

(continuação da 1ª pag.)

dores estão demonstrando.

Em V. N. de MILFONTES, Campilhas e outras terras também se luta pelas 8 horas e a jorna de 40\$00 apesar dos agrários estarem a ir buscar ranchos ao Algarve para trabalhar de Sol a Sol.

NO MONTIJO E ALCOCHETE CONQUISTARAM-SE 60 E 70\$00

No MONTIJO os operários agrícolas, unidos na Praça de Jornas, decidiram pedir 60\$00 para a ceifa. Os patrões só queriam pagar 40\$00 para os homens e 20\$00 para as mulheres. Como os trabalhadores souberam defender a sua reivindicação, conseguiram conquistar os 60\$00, tendo havido muitos que alcançaram os 70\$00. As mulheres conquistaram 35 e 40\$00.

Em ALCOCHETE não há Praça de Jornas. Muitas vezes vão os trabalhadores à Praça de Jornas do Montijo, outras vezes são contratados aqui e ali. Em virtude disso estavam ganhando 45 e 50\$00. Entretanto um rancho decidiu-se a pedir 60\$00 e dada a sua firmeza conquistou-os. Depois em outro rancho foi conquistada a mesma jorna e depois nos outros. Também aqui houve quem pedisse 70\$00 e os tivesse conquistado. Para o fim houve várias empreitadas que, embora fossem boas no que respeita a ganhar-se mais, têm sempre o mal de nos forçar a um trabalho estenuante e de roubar trabalho a outros

OUTRAS LUTAS NAS CEIFAS

Em VALE DE VARGO um rancho de 70 homens que trabalhava para os agrários Nicolaus, ganhava 30\$00 a ceifar favas. Ao passar para a ceifa das cevadas, todos os trabalhadores pediram 35\$00. Como os patrões se negassem, todos abandonaram o trabalho. Outro

mulheres vêem-se nos seus lares, junto dos filhos, pais e mães, chorando a triste vida em que se encontram, lamentando a sua miséria, suportando a negra fome que os atormenta e lhes vai diminuindo lentamente a saúde.

Atribui-se estes tormentos de humanos a quem?

Aos burgueses salazaristas que tratam todo o pessoal de trabalho como se trata qualquer motor que só se alimenta quando trabalha; quando está parado de nada precisa.

Durante os meses de Outubro, Novembro, Dezembro, Janeiro e Fevereiro atinge mais de setenta por cento o desemprego por parte dos homens, não falando nas mulheres que para elas o desemprego é total. Alastra a fome, a dor e a tortura. Centenas e mais centenas de casas de família, que se dirigem às mercearias proclamando as suas queixas e pedindo fiado, não são atendidas. E o resultado desta tragédia com a classe camponesa do Baixo Alentejo é fome, escravidão cada vez maior. Mas porquê? procurem eu. É porque não há um salário que iguale o nível de vida. Os géneros de alimentação, roupas e calçado, estão por um preço que só o alto burguês os pode comprar à medida do que precisa.

Se há falta de trabalho não sei por qual razão as melhores terras estão incultas, nada produzem, só dão tojo, junco e ervas daninhas que nem prado dão para os gados.

São contos dos regimes florestais, reservas de caça para os senhores monopolistas, nacionais e estrangeiros, ali travarem tiroteio que para eles é um desporto, enquanto os camponeses andam cheios de fome e no desemprego.

Principalmente na época do inverno vêem-se forçados durante três ou quatro meses a andar no campo com ratoeiras a armar aos pássaros e forçados a aproveitar também as noites mais escuras e de chuviscos para irem ao candeio apanhar as aves que estão agasalhadas no campo.

Estes homens, quando recolhem a casa, é lá pela noite fora, quase de madrugada, cansados, enlameados, dizendo uns aos outros: «Para ganhar 10\$00 ou 12\$00 por noite não vale a pena». Mas o caso é não passar duas ou três noites sem ter de continuar no mesmo, porque outro remédio não há. Isto é a realidade, é o que se tem passado comigo.

É NECESSÁRIO DERRUBAR O REGIME SALAZARISTA

(continuação da 1ª pag.)

barato o crédito á pequena e média lavoura.

Não é o governo de Salazar, representante dos grandes monopólios industriais e dos latifundiários, que criou uma relação entre os preços dos produtos agrícolas e industriais tão prejudicial para a lavoura, que vai agora modificar capazmente essa relação de preços.

Não é o governo de Salazar, que criou o coleto de forças do corporativismo que vai agora libertar a nossa economia das peias existentes que são importantes fontes de receita para os seus serventuários. Não é o governo de Salazar, caracterizado pelos verdadeiros roubos de certos grandes intermediários e pelas grandes negociações de certas importações, que vai agora acabar com a corrupção e o intermediarismo.

Não é o governo de Salazar que pode impedir a ruína dos pequenos e médios agricultores porque esta

é a consequência natural de tal regime.

Só um governo democrático, onde estejam representantes sinceros da grande massa dos pequenos e médios agricultores, poderá tomar as medidas necessárias para modificar o panorama da nossa agricultura. Só um governo verdadeiramente democrático poderá encabeçar a realização no nosso país da necessária REFORMA AGRÁRIA, que dê a terra suficiente a quem a trabalha e eleve o nível de vida de todos os que labutam no campo.

A unidade de acção dos pequenos e médios agricultores do Sul e a sua aliança com o heroico operariado agrícola do Sul, que tão abnegadamente tem encabeçado, no campo, a luta contra o regime, terão um muito importante papel no derrubamento do salazarismo e na instauração dum governo democrático capaz de arrancar a lavoura da ruína e todos os camponeses da miséria.